

Tertúlia “A Discriminação das Mulheres na Velhice”

Com Irene Pimentel e Isabel do Carmo

Projeto “O envelhecimento e o género numa perspetiva interseccional”

Biblioteca especializada Ana de Castro Osório, Belém

Lisboa, 15 de abril de 2023

Intervenção de Irene Pimentel

Eu gostaria de lançar duas ou três questões antes de falarmos em profundidade. Em primeiro lugar, as questões de género também excluem, de certa forma, o tema da velhice. Pode ver-se online muitos estudos que ligam a questão de género à velhice, mas é verdade que também é uma coisa mais recente, havendo uma certa discriminação para com as mulheres velhas. Depois, há também outro fator, que irei mencionar por ser da academia, enquanto investigadora, que é o de não haver muita interdisciplinaridade entre estudos de género e outros estudos, como os da saúde, a medicina, a gerontologia... É uma pena e um dos aspetos mais urgentes.

Ademais, destaco a necessidade de uma abordagem intergeracional. Mesmo dentro do grupo das mulheres, existe um preconceito e afastamento das mulheres mais velhas. Na minha geração, quando era nova, nós gostávamos bastante das mais velhas. O nosso problema era que éramos todas mais novas, havendo muito poucas mais velhas. Algumas dessas mulheres tinham apenas trinta anos, mas já ficávamos todas contentes porque tinham mais que nós. Agora parece-me haver um divórcio entre as jovens e as mais velhas, da minha perspetiva enquanto mais velha.

Enquanto mulher e investigadora, não só estudo o feminismo como sinto pessoalmente estas questões intimamente. Por outro lado, a menopausa é muito curiosa. Lembram-se das Balzaquianas? Que idade tinham? Trinta anos! A questão da idade foi evoluindo à medida que a esperança de vida foi crescendo. Lembro-me que quando li “La Femme au Trente Ans”, de Balzac, vi que o que

esperava a uma mulher de 30 anos era chegar à menopausa e depois morrer. Evidentemente, podia viver mais, dependendo da fortuna, família e classe social.

Para além disso, o tema do corpo tem muita influência, que se relaciona com a sexualidade. É a partir do ponto que uma mulher já não é considerada como produtiva que deixa ser importante, porque na sociedade patriarcal é isso que se pretende da mulher em primeiro lugar, sobretudo a reprodução. Isto liga-se à questão física da beleza e desejo.

É necessário falar da discriminação e dos preconceitos, distinguindo-os. Há a outra questão, da invisibilidade, que também tem vantagens. Lembro-me do dia em que me tornei invisível, tinha quarenta ou cinquenta anos. Estava num bar, ao balcão e, de repente, passavam homens por mim e não diziam nada. Eu fiquei invisível, tive essa noção, seguida de uma sensação de alívio maravilhosa. Evidentemente que isto é vivido com altos e baixos. Também há aquela saudade, de quando éramos bonitas e nos olhávamos ao espelho, lembrando-nos os outros disso mesmo. Acho que é fundamental explorar esta invisibilidade, quando somos velhas. É tão bom ninguém nos chatear! Lembram-se de como era andar nas ruas de Lisboa nos anos 60 e 70, subir o autocarro de dois andares, ficar ao lado de homens que rapidamente nos faziam sair... É esse tipo de situações que me fazer valorizar a invisibilidade.

A feminista Germaine Greer disse que só se seria verdadeiramente livre quando se deixasse de ser desejada. Acho que esta frase é muito verdadeira. Como a hegemonia patriarcal também se impõe a nós, mulheres, temos a tendência de acreditar que não somos nada por deixarmos de ser desejadas. É justamente neste campo que temos de fazer um esforço enorme.

Há outras contradições muito interessantes. Ao mesmo tempo que as mulheres, na menopausa, começam a ser desprezadas e deixam de ser consideradas úteis, há também o outro lado, visto que continuam outros estereótipos, como os de serem as “sogra”, que chateiam toda a gente; ou as avós, muito importantes por serem as cuidadoras, até chegar o tempo de serem elas as cuidadas. São todas estas temáticas que devemos debater.

Esta questão prende-se com a solidão. A solidão é, sobretudo, negativa, reconheço isso, mas há uma solidão que também pode ser uma opção. Podemos aproveitar essa opção e juntá-la a outras “solidões”. E o que fazer da solidão? Em resumo, acho que as universidades de terceira idade são ótimas, tanto para homens como para mulheres, apesar de participarem mais mulheres, pois também vivem mais. Depois, a intergeracionalidade, a ligação entre novas e velhas, entre todas as mulheres. Na parte dos estudos do género, a temática da velhice deve ser estudada e, especialmente, ver de que forma o feminismo atua hoje em dia, porque o feminismo dos anos 70 tem uma noção diferente do feminismo dos anos 90, e do atual, também.

É, ainda, importante levantar outras problemáticas, como a política. O Estado social tem de se preocupar mais connosco. No período do Passos Coelho colocaram-se homens contra mulheres e jovens contra velhos. As mulheres foram incluídas nesse grupo de quem “gozava” do Estado Social que os outros estavam a pagar, esquecendo-se que elas tinham trabalhado e pago o que estavam a “gozar”..

Que mais devia ter falado? Enquanto historiadora do Estado Novo, devia ter falado da velhice no Estado Novo. De facto, esquecemo-nos de estudar isto. A invisibilidade também atuou aqui. As mulheres mais velhas das classes mais baixas eram muito mal tratadas e se não tivessem família, iam para o asilo. Hoje, temos os lares, assim como a possibilidade de as famílias conseguirem cuidar. Percorremos um grande caminho, mas ao mesmo tempo há novos problemas. Até porque, no Estado Novo, a esperança média de vida era 70 anos.

Teresa Sales - A Simone Beauvoir com cinquenta e cinco anos achava que era velha.

Irene Pimentel (cont.) - Sim! No livro “La Force de L’Age” da Simone Beauvoir, ela tinha desprezo pela forma como notava que o seu corpo estava a envelhecer. É curioso que, mais tarde, escreve o livro “La Vieillesse”. A velhice também depende da posição em que se está quando se encara este fenómeno. Ela deixou de sofrer

durante um período entre os dois livros porque se apaixonou por uma senhora muito mais nova, e aí não se ouviu falar das transformações do corpo ou da velhice.

Eu demorei algum tempo a perceber que estava velha, talvez por a minha mãe ter agora cem anos, e eu ainda investigar. Agora, introduzo-vos um toque pessoal, da maneira como me sinto discriminada enquanto velha. Deixamos de ser convidadas para escrever nos jornais, para ir à televisão, à rádio. As pessoas acham que, por estarmos velhas, já não sabemos pensar nem temos nada a dizer, o que é mentira, evidentemente. Ainda relativamente a outra coisa. Soube há pouco tempo que ainda estou com um bolsa da FCT. Supostamente, aos setenta anos devia ter acabado, mas eu tenho setenta e dois. A minha bolsa, de História Contemporânea da NOVA, juridicamente, visto que agora é uma Fundação, pode ter regras próprias. A minha maneira de os “convencer” foi dizer que não consigo apresentar resultados de uma investigação de seis anos, em dois, portanto iam perder dinheiro! O que é certo, é que os seis anos acabam no fim deste ano. Aí eu percebi que o Parlamento Europeu teve muita importância, que censurou Portugal por estar a discriminar segundo a idade.

Intervenção de Isabel do Carmo

Eu trouxe aqui um gráfico relativo à esperança de vida, feito à mão, que se insere na continuação do que temos estado a falar. De um lado do esquema temos 1920 e do outro, 2001. Atualmente, homens e mulheres, vivemos o dobro do que se vivia em 1940. Para as senhoras aqui presentes, podem ver um grande salto, entre 40 e 60, impulsionado pela descoberta dos antibióticos. Até aqui, morria-se de tuberculose, gastroenterites, pneumonias... Nós que estamos aqui, somos sobreviventes, tanto as *baby boomers*, como as pré-guerra. Passámos por uma guerra, o que nos dá um carácter diferente enquanto geração. Pelo caminho ficaram as outras. Somos sobreviventes, sobretudo, devido à medicina e aos antibióticos. Por isto, não correspondemos ao estereótipo das “velhinhas” da nossa infância, já que estas foram desaparecendo. Isto é importante, porque normalmente pensa-se na velhice como se tudo se tivesse passado sempre de igual forma.

Agora temos medo dos vírus, como os nossos avós tinham medo das bactérias. Os nossos medos e espectros atuais não são os das nossas avós. Nós somos as “velhinhas” que não são velhinhas! Na crónica desta semana da visão, a Dulce Maria Cardoso conta uma história engraçada. Ela estava sozinha perto do sítio onde tinha recordações amorosas e resolveu descalçar-se e meter os pés na água. Estava uma senhora com uma criança, que perguntou à mãe “O que é que aquela velhinha está a fazer ali sozinha?”. Surpreendida, a Dulce Maria Cardoso olhou para ver se havia ali uma velhinha. Nós ainda não assumimos que estamos na idade das “velhinhas”!

Trago um segundo quadro. Nós falámos aqui em 1962, na altura da crise académica, em que eu fui, cheia de stresse, lá para o palanque. Indica este quadro que, em 1960, 40% das mulheres portuguesas eram analfabetas, ainda que nesta sala toda a gente seja “fina” ou “semi-fina”, com mães que sabiam ler e escrever, algumas até avós. A grande maioria das avós das nossas contemporâneas eram analfabetas. Isto corresponde a muita coisa. Passaram-se sessenta anos, mas subjetivamente e emocionalmente, foi muito menos. Correspondemos a uma história excecional para recolher depoimentos.

Estas mulheres, da nossa geração, também têm de lidar com a questão física. Elas não foram programadas para viver tanto tempo, têm pezinhos, joelinhos, que não aguentam com o peso, e uma coluna com vertebrazinhas também frágeis. Agora vive-se até aos oitenta, mas desde os sessenta anos que há queixas físicas. Não há prevenção nem resposta a isso, o que é terrível. Como se costuma dizer, as queixas não matam, mas moem! E moem mesmo. Os homens têm mais problemas cardiovasculares e as mulheres queixam-se mais do seu corpo. Há as mulheres que se aguentam muito bem, como as aqui presentes, e as que perdem a autonomia, o que é um grande drama.

Na segunda-feira estive a festejar os vinte anos de um projeto de uma organização para os trabalhadores de Santa Maria. A maioria da assembleia era composta por mulheres. Uma das minhas colegas tem muitos problemas de mobilidade, não é capaz de ser independente, mas a cabeça dela está ótima, vai lendo e tudo mais. Temos de encontrar algumas soluções. Algumas das soluções apresentadas têm sido satisfatórias, muitas outras não o foram.

Faltam muitas camas para efeitos de recuperação. É necessário arranjar soluções para estas pessoas que não são autónomas, mas que têm uma cabeça ótima para tudo o resto.

É como se tudo fosse programado para, biologicamente, nos reproduzirmos, acompanhando esses novos seres até à idade de reprodução dos mesmos e depois desaparecemos. Esta situação de não termos uma resposta física para esta época é mesmo aterrorizadora. Acho que as pessoas têm muito medo, oiço muito os meus pacientes dizerem isso.

Outra coisa que é terrível de lidar, é deixar de sermos desejadas. Sofri muito isso. É por isso que pinto o cabelo. É para recuperar esse aspeto, para mim. No entanto, quando me efeito um pouco mais, os meus filhos começam a olhar para mim de uma forma crítica. “Lá está ela apalhaçada!”. Quando temos um bom companheiro, nós temos a ilusão que ele olha para nós com desejo. Ontem, uma jovem disse-me que o amor entre duas pessoas é a construção de uma narrativa e plano conjunto. Fiquei mais animada com isso. De facto, afinal o amor não é “desejo +...”, é ir construindo qualquer coisa em que o desejo não está na base.

Digo, como a Irene, que quando passamos a ser “invisíveis”, há uma grande liberdade. Com esta história do assédio, estava a lembrar as vezes em que nos punham a mão em cima do joelho, que era no mínimo humilhante. Quando tirei a carta, aos 20 anos, tive que mudar de instrutor porque ele me punha a mão no joelho e dizia: “ai Senhora Doutora, essa perninha!”. Era a nossa situação no dia a dia, na rua, nos autocarros, nas aulas, não tínhamos coragem de dizer nada.

A fase em que se ultrapassam as menstruações e essas chatices como a menopausa, em que ainda estamos bem do ponto vista físico, temos uma enorme liberdade. Acho que essa liberdade se estende para estas idades que estamos agora a falar. Liberdade de decidir para onde vamos e o que fazemos. Claro que é preciso notar que falamos das possibilidades de uma determinada classe, no ocidente. Tenho muitas mulheres no meu consultório que não têm liberdade nenhuma e são da classe média-baixa porque dependem economicamente dos maridos. Há, sobretudo, mulheres dessas idades a dependerem economicamente dos maridos, nalguns casos em que já nem podem com os maridos à frente.

Muitas mulheres das nossas idades foram domésticas, fazendo com que agora ainda estejam nessa situação de dependência. Para consolação também há outra coisa: quando se vai ao teatro, livraria, cinema... a grande maioria das pessoas que lá estão são mulheres. Com o devido respeito, será que os homens perderam capacidades cognitivas ou sensibilidade? Alguma coisa se passa.

Este tema é muito relevante e precisa de ser debatido. É preciso repensar as políticas públicas e tentar resolver a situação de uma maneira diferente.

Intervenção da Idalina Rodrigues

Uma senhora de 80 anos, com cabelo pintado de violeta, entrou nas urgências Alfredo da Costa, com uma hemorragia. A senhora tinha arranjado um namorado mais novo, com cerca de sessenta anos, que foi tomar vigara. Ela não sabia que havia cremes para lubrificar e a conclusão foi que fez uma rasgadura. Mas o problema dela era que os filhos soubessem. Dizia: “Não contem aos mais filhos, que eu aproveitei o fim de semana em que eles se foram embora para o meter lá em casa!”. Nós tratámos dela, não dissemos nada a ninguém e, no dia seguinte, saiu com a empregada para os filhos não saberem.

Transcrição efetuada por Rafaela Nunes